

**Retorno à reflexividade**

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

*Presidente do Conselho Curador*

Mário Sérgio Vasconcelos

*Diretor-Presidente / Publisher*

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

*Superintendente Administrativo e Financeiro*

William de Souza Agostinho

*Conselho Editorial Acadêmico*

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

*Editores-Adjuntos*

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

Pierre Bourdieu

# Retorno à reflexividade

Estabelecimento da edição e introdução  
Jérôme Bourdieu e Johan Heilbron

Tradução  
Thomaz Kawauche



Título original: *Retour sur la réflexivité*

© 2022 Paris, Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales

© 2024 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

[www.editoraunesp.com.br](http://www.editoraunesp.com.br)

[www.livrariaunesp.com.br](http://www.livrariaunesp.com.br)

[atendimento.editora@unesp.br](mailto:atendimento.editora@unesp.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

---

B769r

Bourdieu, Pierre

Retorno à reflexividade / Pierre Bourdieu; traduzido por Thomaz Kawauche. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.

Tradução de: *Retour sur la réflexivité*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-236-6

1. Sociologia. 2. Ciências sociais. 3. Reflexividade. 4. Método sociológico.  
5. Pesquisa. 6. Trabalho científico. 7. Teoria da sociologia. 8. Teoria sociológica. I. Kawauche, Thomaz. II. Título.

2024-1918

CDD 300

CDU 3

---

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

## Sumário

**Introdução: Da vigilância epistemológica à reflexividade** 9  
*Jérôme Bourdieu e Johan Heilbron*

**Nota dos editores franceses** 25

**Epistemologia e sociologia da sociologia (1967)** 27

**Reflexividade narcísica e reflexividade científica (1993)** 35

**Projeto de história social das ciências sociais (1997)** 47

**A causa da ciência: como a história social das ciências sociais  
pode servir ao progresso dessas ciências (1995)** 77

**Referências biobibliográficas: Pierre Bourdieu (1930-2002)** 99



Um empreendimento de objetivação só é cientificamente controlado na medida da objetivação à qual o sujeito da objetivação é previamente submetido.

Pierre Bourdieu,  
*Science de la science et réflexivité*, 2001



# Introdução

## Da vigilância epistemológica à reflexividade

A exigência de reflexividade, imposta como princípio incontornável nas ciências humanas e sociais, é uma das maiores contribuições dos trabalhos de Pierre Bourdieu. Embora a prática reflexiva da pesquisa tenha marcado o conjunto de sua obra, o uso da palavra é relativamente tardio. Refletir metodicamente sobre a pesquisa a ser realizada, ou seja, objetivar cientificamente sua própria prática científica, é uma disposição que precedeu, e provavelmente tornou possível, as suas diversas inovações intelectuais, incluindo a sua concepção de reflexividade.

Longe de uma concepção burocrática da pesquisa como aplicação mecânica de métodos padronizados, Bourdieu começa com trabalhos de campo na Argélia em guerra. Essas condições excepcionais são incompatíveis com um trabalho normal de investigação, a menos que tenhamos em vista o empenho específico de um retorno reflexivo sobre tal contexto fora do comum, a fim de considerarmos os seus efeitos no objeto de pesquisa e no próprio pesquisador.

E quando Bourdieu toma como objeto o Béarn, onde nasceu e viveu, ele o faz paradoxalmente segundo a mesma lógica: constitui

esse território como espelho da Argélia, um território familiar, porém mutável, em conformidade com uma prática reflexiva que permite o controle dos efeitos exercidos pelo mundo social sobre aquele que o observa. Essa preocupação de objetivar e controlar tanto quanto possível a relação entre o observador e seu objeto também se verifica nos vários estudos que realiza e (co)orienta no Centre de Sociologie Européenne (CSE), onde seu diretor, Raymond Aron, o recruta em 1961.<sup>1</sup>

Para compreendermos o significado da reflexividade em Bourdieu, devemos recuar até os primórdios de sua pesquisa. Seus primeiros questionamentos dizem respeito ao fato de que nada é evidente: nenhuma das condições da pesquisa ordinária é efetivamente atendida. Nessas circunstâncias, os procedimentos habituais da pesquisa etnográfica ou estatística são inaplicáveis na prática. Por outro lado, os métodos de trabalho aprendidos por Bourdieu durante a sua formação em filosofia tampouco poderiam ajudá-lo. O contexto da guerra de independência e as situações extremas de urgência e risco tornam necessária uma “reflexividade permanente e prática”, tanto como condição de sobrevivência quanto como método de pesquisa.<sup>2</sup> Isso leva Bourdieu a realizar um empreendimento coletivo: uma equipe de entrevistadores e pesquisadores capazes de se inscrever na realidade argelina de diversos modos. Tal diversidade, que precisa ser coordenada e mobilizada, traz muitas vantagens e, graças a ela, é possível variar os métodos de pesquisa (observações, entrevistas, análises estatísticas) e os recursos acadêmicos (desaparecem os

---

1 Posteriormente, a carreira de Bourdieu se desenvolveu principalmente na sexta seção da École Pratique des Hautes Études (Epeh), hoje École des Hautes Études en Sciences Sociales (Ehess), à qual o CSE se vincula. Bourdieu foi ali eleito diretor de estudos em 1964, tornou-se diretor do CSE em 1969 e permaneceu como membro “*cumulant*” da Ehess após a sua eleição para o Collège de France em 1981.

2 Bourdieu, *Esquisse pour une auto-analyse*, p.6.

limites entre antropologia, sociologia e economia do trabalho, por exemplo). Todas essas operações científicas e de organização do trabalho são orientadas por uma postura reflexiva que será típica de todos os seus projetos ulteriores. Introduzida de modo notável em *Trabalho e trabalhadores na Argélia* (1963),<sup>3</sup> a abordagem será elaborada e aprofundada nas obras seguintes.

As pesquisas no Béarn, iniciadas em 1959, aparecem como complemento essencial aos trabalhos argelinos então em curso. Elas tratam de agitações sociais de natureza completamente distinta e são produzidas num universo radicalmente diferente, ao qual Bourdieu está intimamente ligado: o do vilarejo de sua infância, que deixou ainda jovem para frequentar o Liceu de Pau. Com enfoque no celibato camponês e na crise enfrentada pelas famílias camponesas, os estudos, reunidos mais tarde em *O baile dos celibatários* (2002), representam um teste de veracidade para essas primeiras experiências de pesquisa e fornecem uma confirmação decisiva para os trabalhos argelinos.<sup>4</sup> Em sua autoanálise, Bourdieu descreve o estudo de Béarn como “operador de uma verdadeira conversão”:<sup>5</sup>

A palavra [conversão] provavelmente não é forte o bastante para designar a transformação, a uma só vez intelectual e afetiva, que me levou da fenomenologia da vida afetiva [tema inicial de seu projeto de tese] [...] para uma prática científica envolvendo uma visão do mundo social ao mesmo tempo mais distanciada e mais realista.<sup>6</sup>

---

3 Id., *Travail et travailleurs en Algérie*, especialmente a introdução, “Statistiques et sociologie” e o prefácio, “Les Conditions d’une science sociale décoloniale” (p.19-29 e p.31-47). A obra resultou de um projeto colaborativo envolvendo três estatísticos do Institut National de la Statistique et des Études Économiques (Insee): Alain Darbel, Jean-Paul Rivet e Claude Seibel. A reedição não contém a parte estatística.

4 Id., *Le Bal des célibataires: crise de la société paysanne en Béarn*.

5 Id., *Esquisse pour une auto-analyse*, op. cit., p.79.

6 Ibid.

Durante esse duplo trabalho inicial, os múltiplos problemas que surgem são enfrentados por Bourdieu não tanto como questões técnicas ou teóricas, nem como problemas éticos ou políticos, mas, em primeiríssimo lugar, de maneira reflexiva. Em *O ofício de sociólogo* (1968), escrito junto com Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron, tal postura também é chamada de “vigilância epistemológica”.<sup>7</sup> Em vez de confiarmos nos instrumentos lógicos, o que é defendido por certos filósofos da ciência, ou na “metodologia” de sociólogos como Paul Lazarsfeld, somos encorajados a objetivar as condições (sociais) de possibilidade da pesquisa, que dependem da posição genérica do pesquisador e das características de sua trajetória social como pessoa. Para tanto, convém que as ferramentas da ciência social sejam empregadas para melhor compreender e dominar a própria pesquisa a ser realizada, seus obstáculos e suas perspectivas, bem como as disposições que os pesquisadores inscrevem na obra sem percebê-las.

Conceber a reflexividade dessa maneira não diz respeito a um exercício de introspecção destinado a superar, do ponto de vista pessoal, uma espécie de falta de conhecimento de si. Talvez seja por isso que Bourdieu, num primeiro momento, prefira falar em “vigilância epistemológica” em vez de “reflexividade”, termo que emprega com mais frequência apenas a partir da década de 1980.<sup>8</sup>

A atitude de vigilância epistemológica começa pela necessidade de se livrar da negação ou da ignorância concernentes aos efeitos das características do pesquisador sobre sua atividade: cegueira baseada na ilusória aptidão pessoal para a lucidez. Eis o primeiro obstáculo no caminho da relação com o mundo em que a objetivação sociológica é permitida. Submetendo à análise

---

7 Bourdieu; Chamboredon; Passeron, *Le Métier de sociologue: préalables épistémologiques*, esp. p.96-101 e p.194-9.

8 Gingras, “Réflexivité et sociologie de la connaissance scientifique”, em Pinto; Sapiro; Champagne (orgs.), *Pierre Bourdieu, sociologue*, p.337-47.

tanto sua pessoa quanto sua experiência singular, o pesquisador não escapará dos vieses de percepção, que são sociais. É ao buscar compreender todos os mecanismos sociais que constroem a pessoa humana, inclusive a crença em sua singularidade individual, que ele pode esperar ter algum controle sobre o efeito que estes podem ter em qualquer tentativa de representação do mundo social.

Tal perspectiva consiste em “objetivar o sujeito da objetivação”, ou seja, mobilizar “todos os instrumentos de objetivação disponíveis (levantamento estatístico, observação etnográfica, investigação histórica etc.) para trazer à luz os pressupostos que ele deve à sua própria inclusão no objeto do conhecimento”.<sup>9</sup> Esses pressupostos são de três ordens. Em primeiro lugar, os mais acessíveis são aqueles associados a certa posição no espaço público, bem como à trajetória particular percorrida até ali, além de origem social e pertencimento a um gênero. Em seguida, temos aqueles que são constitutivos da *doxa* específica de cada um dos diferentes campos de produção intelectual (religiosa, artística, filosófica etc.) e, mais precisamente, daqueles que cada especialista deve à posição que ocupa em sua área particular. Finalmente, no nível mais profundo, os pressupostos dizem respeito ao *skholè*, ou seja, ao ócio, à distância em relação à necessidade e às urgências do mundo. Condição de existência de todas as áreas de especialização, a *skholè*, bem como a “visão escolástica” que dela resulta, é o que há de mais complicado para se apreender e controlar no caso daqueles que se encontram imersos em universos onde ela se faz evidente.<sup>10</sup>

Não basta afrontar essas três ordens explicitando seus pressupostos a fim de se demonstrar a reflexividade tal como Bourdieu a concebe. Para ele, certamente, isso tem menos a ver com uma tomada de consciência consciente, por mais elaborada que seja,

---

9 Bourdieu, *Méditations pascaliennes*, p.22.

10 Sobre os três níveis de objetivação, ver id., *Science de la science et réflexivité: cours du Collège de France (2000-2001)*, p.183-4.

do que com o esforço para controlar na prática o inconsciente social que cada pessoa carrega, ou seja, os efeitos invisíveis – e difíceis de serem percebidos apenas pela vontade de ser lúcido – dos determinantes sociais que a subjagam. Uma solução para tal problema consiste em fazer variar o alcance dos determinantes, porque não basta conhecer de forma abstrata a existência destes para que seus efeitos possam ser restringidos. A tomada de consciência pode ser libertadora desde que as condições reais da libertação sejam postas a funcionar. Exemplo característico da aplicação concreta da reflexividade é dado quando Bourdieu realiza no Béarn o tipo de entrevista que ele havia conduzido na Argélia. Foi isso que lhe permitiu apreender empiricamente o efeito distância/proximidade decorrente do fato de se estudar uma sociedade estranha/familiar. Esse processo, em particular, encontra-se na base do uso e da análise daquilo que é denominado “informante”. Em entrevista, o informante está sempre situado numa encenação de si mesmo e de seu universo, especialmente quando se vê diante de um estranho. Mas, longe de se admitir o seu ponto de vista como palavra evangélica, é preciso questionar a cada oportunidade a posição social daquele que fala e a relação social particular que estabelece com quem o entrevista, a fim de se compreender a parte de verdade que seu discurso contém. Isso também exige atenção no uso de equipamentos, como o gravador ou a câmera fotográfica, bem como na composição social da equipe de pesquisa,<sup>11</sup> e enfim, no conjunto das categorias mentais ou instrumentais que o pesquisador mobiliza para a entrevista e que podem determinar parcialmente os resultados sem que ele perceba isso.

Entre os obstáculos ao conhecimento científico aparece, de forma bastante paradoxal, o próprio fato de se adotar o ponto de vista científico. Este se caracteriza pela exterioridade, sendo

---

11 Para esses exemplos, ver id., *Travail et travailleurs en Algérie*, op. cit., p.36-40.

ainda possível o distanciamento e o recuo no tempo da observação, e é definido pelo afastar-se consciente da lógica da prática. Assim,

romper com os pressupostos impensados do pensamento pensante, ou seja, com o *viés escolástico*, [leva] o sociólogo e o economista incapazes de se apropriarem de sua experiência pré-reflexiva do mundo [ao estabelecimento de] um argumento de autoridade, aliado ao mito do *Homo æconomicus* e à “teoria da ação racional”, na conduta dos agentes econômicos ordinários.<sup>12</sup>

Daí esta injunção constringente enunciada por Bourdieu:

Na minha opinião, nada é mais falso do que a máxima universalmente aceita nas ciências sociais, segundo a qual o pesquisador não deve colocar nada de si mesmo em sua pesquisa. Devemos, ao contrário, referirmo-nos constantemente à nossa própria experiência, mas não, como acontece muitas vezes, até mesmo entre os melhores pesquisadores, de maneira envergonhada, inconsciente ou descontrolada.<sup>13</sup>

Numa entrevista tardia, Bourdieu lembra que a reflexividade deve se encarnar nos dispositivos práticos e no uso racional destes:

Tenho duas coisas importantes a ensinar: 1º) estratégias de organização coletiva do trabalho necessárias para se alcançar a autonomia, que é a condição da prática científica; 2º) a gestão racional do trabalho intelectual. Muitos pesquisadores acreditam, de acordo com uma vasta mitologia, que é preciso conduzir a própria vida como vida de artista. Porém, o pesquisador é muito mais comparável a um atleta de alto nível que deve racionalizar. Há uma higiene esportiva do trabalho intelectual e dela fazem parte a gestão do coletivo, o trabalho coletivo, a organização do coletivo e o equipamento coletivo.<sup>14</sup>

---

12 Id., “L’Objectivation participante”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.150, p.52, 2003.

13 *Ibid.*, p.51.

14 Id., “Secouez un peu vos structures!”, em Dubois; Durand; Winkin (orgs.), *Le Symbolique et le social: la réception internationale de la pensée de Pierre Bourdieu*, p.336-7.

Para além da análise sociológica e dos dispositivos práticos, a reflexividade deve ainda ser convertida numa disposição constitutiva do *habitus* científico, ou seja, deve existir como “*reflexividade reflexa*, capaz de agir não *ex post*, no *opus operatum*, mas *a priori*, no *modus operandi*”.<sup>15</sup>

\* \* \*

Neste volume encontram-se reunidos quatro textos relativamente curtos e não muito conhecidos de Bourdieu sobre a reflexividade. Eles nos permitem realçar certos aspectos em grande parte despercebidos de sua prática, dos quais encontraremos um tratamento mais sistemático em *O senso prático* (1980), *Meditações pascalianas* (1997) e *Ciência da ciência e reflexividade* (2001). Esse conjunto, que constitui uma espécie de retorno à questão, inclui dois textos inéditos: um artigo publicado apenas em alemão e uma contribuição para o periódico *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* que, no entanto, nunca foi reeditada.

A coletânea se inicia com um inédito de 1967, “Epistemologia e sociologia da sociologia”. Trata-se de uma intervenção num debate realizado na Sorbonne sobre o tema “As ciências humanas, para quê? (Formalização e modelos)”. Este foi organizado pelo Centre National des Jeunes Scientifiques (CNJS) e por uma efêmera revista, *Porisme* (1966-1967), que divulgou o trabalho do CNJS.<sup>16</sup> Os outros participantes são os matemáticos Marc Barbut e André Régnier, o filósofo Jean-Toussaint Desanti, o psicólogo Pierre Gréco e o linguista Nicolas Ruwet. A conferência proferida

---

15 Id., *Science de la science et réflexivité*, op. cit., p.174.

16 O CNJS foi criado em 1965 por “jovens pesquisadores das ciências exatas, influenciados pelo marxismo, [que] pensam na possibilidade de se engajar à esquerda como pesquisadores, sem seguir o modelo de cientista dos mais velhos” (Quet, “L’Innovation éditoriale des revues de critique des sciences”, *Médiamorphoses*, n.esp. “68 et les Médias, quarante ans après”, p.226, abr. 2008).

por Bourdieu nessa ocasião faz parte das pesquisas em sociologia das ciências que emergem no CSE e se desenvolvem inicialmente em duas direções: a sociologia da popularização científica e a sociologia da medicina.<sup>17</sup> A pesquisa sobre a divulgação científica é realizada em colaboração com o CNJS.<sup>18</sup>

Essa conferência esboça o programa para uma sociologia das ciências marcada pela recusa de um discurso epistemológico abstrato, envolvendo, nesse caso, a noção de “modelo”, que é o tema oficial do debate. Opondo-se a uma epistemologia teórica e filosófica, Bourdieu argumenta de modo a tornar sociológicas as questões epistemológicas. Estendendo suas reflexões sobre as pesquisas, tanto aquelas relativas à Argélia e ao Béarn quanto as desenvolvidas no CSE, sua tomada de posição constitui uma crítica aos grandes discursos epistemológicos dominantes na época, cujo exemplo típico encontra-se nos *Cahiers pour l'Analyse* (1966-1969) dos filósofos – althusserianos, lacanianos e outros – da École Normale Supérieure.<sup>19</sup> Assim como a filosofia neopositivista da ciência, ainda marginal na França, seus trabalhos se interrogam acerca da epistemologia, o método ou a lógica da ciência, porém em um modo teórico que ignora a prática científica e as suas condições sociais então no núcleo do programa esboçado por Bourdieu. O texto escrito quase no mesmo momento por Bourdieu e Passeron sobre a relação entre sociologia e filosofia na França ilustra claramente a “sociologia da sociologia” mencionada pelo primeiro em

---

17 “Política da ciência” é um dos quatro programas do CSE na época; os outros tratam de cultura e educação, alta administração e sociologia econômica: CSE, *Rapport d'activité 1966-1967; Programme de travail 1967-1968*.

18 Boltanski; Maldidier, *La Vulgarisation scientifique et ses agentes*; e id., “Carrière scientifique, morale scientifique, et vulgarisation”, *Information sur les Sciences Sociales*, v.9, n.3, p.99-118, 1970.

19 A revista (dez volumes entre 1966 e 1969), publicada pelo Cercle d'Épistémologie de l'École Normale Supérieure, está disponível em: <<http://cahiers.kingston.ac.uk/>>. Acesso em: dez. 2021.

sua conferência – acima de tudo, trata-se, aos seus olhos, de uma ferramenta de vigilância epistemológica.<sup>20</sup>

A reflexão continua com *O ofício de sociólogo* (1968) e *Esboço de uma teoria da prática* (1972). Se seguirmos Bourdieu, Chamboredon e Passeron, devemos submeter a prática científica a um interrogatório que, divergindo da filosofia clássica do conhecimento, não se aplica à “ciência feita, [...] mas à ciência que *está sendo feita*”, ou seja, não tanto à lógica da prova, a *ars probandi*, mas à da invenção, a *ars inveniendi*.<sup>21</sup>

Em *Esboço de uma teoria da prática*, Bourdieu explica que “os especialistas em reflexão epistemológica ou metodológica estão condenados a considerar o *opus operatum* mais do que o *modus operandi*, o que implica, além de um certo atraso, um certo viés sistemático”. Desviar o olhar para a prática científica efetiva expressa a intenção de “desconcertar tanto aqueles que refletem sobre as ciências humanas sem as praticar como aqueles que as praticam sem refletir”.<sup>22</sup>

Os três textos que completam o presente volume datam de um quarto de século depois e foram elaborados numa conjuntura histórica muito diferente da ambiência um tanto quanto científico-filosófica em torno do “estruturalismo” da década de 1960. Nesse meio-tempo, Bourdieu desenvolveu sua análise dos vieses escolásticos e sua teoria da prática em *Esboço de uma teoria da prática* e *O senso prático*. Publicou também o seu artigo fundador do campo científico, “A especificidade do campo científico e as condições sociais do progresso da razão” (1975),<sup>23</sup> que foi reeditado

---

20 Bourdieu; Passeron, “Sociology and Philosophy in France since 1945. Death and Resurrection of a Philosophy without Subject”, *Social Research*, v.34, n.1, p.162-212, 1967.

21 Bourdieu; Chamboredon; Passeron, *Le Métier de sociologue*, op. cit., p.93 e 96.

22 Bourdieu, *Esquisse d'une théorie de la pratique*, p.221.

23 Esse texto de Bourdieu teve diferentes versões: “La Spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison”, *Sociologie et Sociétés*, v.7, n.1, p.91-118, 1975; “Le Champ scientifique”, *Actes de la Re-*

no ano seguinte em uma versão ligeiramente alterada nos *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, periódico recém-lançado no CSE e que pode ser considerado como produto da reflexividade em ato.

Sem evocar todas as etapas da sua reflexão sobre a reflexividade, observa-se que Bourdieu tende a insistir cada vez mais na função socioanalítica da sociologia, incluindo a das ciências: “qualquer empreendimento sociológico verdadeiro é, em seu conjunto, uma socioanálise” que possibilita uma certa liberdade em relação aos determinismos e uma “verdadeira reapropriação de si mesmo”.<sup>24</sup> Como aprofundamento dessa concepção aplicada aos universos eruditos, não há dúvida quanto ao papel significativo desempenhado por *Homo academicus* (1984). Para Bourdieu, esse trabalho adquire um estatuto particular, no sentido de que o trabalho de objetivação do campo acadêmico encontra-se acoplado a “um trabalho – no sentido psicanalítico – sobre o tema da objetivação. Não se pode trabalhar tal objeto sem ter sempre em mente que o próprio sujeito da objetivação é objetivado”.<sup>25</sup> É esse processo de objetivação original que, de fato, desembocará na *Ciência da ciência e reflexividade* (2001), bem como no *Esboço para uma autoanálise* (2004).

Paralelamente aos seus questionamentos sobre a ciência que está prestes a criar, Bourdieu pensa na pedagogia da pesquisa e na transmissão do saber e do saber-fazer, ou seja, reflete tanto sobre o seminário de pesquisa quanto, a partir de 1982, sobre seus cursos no Collège de France. Ele retorna diversas vezes às dificuldades de transmissão do saber-fazer do ofício de pesquisador. No início da sua atividade docente no Collège de France, recorda que os resultados de seus trabalhos, em graus variados e provisórios,

---

*cherche en Sciences Sociales*, n.2-3, p.88-104, 1976; e, em versão mais recente, “L’Histoire singulière de la raison scientifique”, *Zilsel*, n.4, p.281-319, 2018 (sobre a história desse texto, ver a contribuição de Lamy; Saint-Martin, “La Raison a une histoire”, *Zilsel*, n.4, p.273-80, 2018).

24 Bourdieu, *Sociologie générale*, v.1: Cours au Collège de France, 1981-1983, p.15.

25 Bourdieu; Wacquant, *Invitation à la sociologie réflexive*, p.106.

lhes parecem “menos importantes do que uma certa maneira de pensar”. O que pretende transmitir não são teses ou teorias, mas, antes, um modo de trabalho e um jeito de pensar, no âmbito dos quais estaria localizada a prática da investigação.

Durante esse mesmo período das décadas de 1970 e 1980, a filosofia das ciências, bem como a sociologia das instituições científicas de Robert Merton, foram, em alguma medida, eclipsadas pelos *sciences studies*, que experimentaram forte expansão. Desses estudos emerge uma ambiência relativista e “pós-modernista” que, pouco após a publicação dos textos de Bourdieu aqui reunidos, desembocará no “caso Sokal” (1996) e nas *science wars*.<sup>26</sup>

Assim, o segundo texto deste volume, “Reflexividade narcísica e reflexividade científica” (1993), que só foi publicado em alemão, contrapõe duas concepções de reflexividade. Ele sublinha que a reflexividade tal qual Bourdieu a concebe nada tem a ver com um jogo narcísico durante o qual o estudioso estaria voltado para si mesmo, mas, ao contrário, representa um esforço para mobilizar as ferramentas da ciência social a fim de objetivar o trabalho científico e as condições sociais em que este se realiza.

Os dois textos seguintes, muito diferentes entre si no que se refere à forma, continuam a mesma orientação e estão ligados ao seminário que Bourdieu dedicou à história social das ciências sociais durante dois anos consecutivos (1995-1997), na Ehes. Apresentado como introdução ao segundo ano do seminário, o texto “Projeto de história social das ciências sociais” retoma o tema da reflexividade e, ao mesmo tempo, o ilustra, sendo o seminário desses anos organizado de modo experimental: o número de pessoas inscritas é muito supe-

---

26 Sobre tais desenvolvimentos, ver Gingras, “Un Air de radicalisme. Sur quelques tendances récentes en sociologie de la science et de la technologie”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.108, p.3-17, 1995; Bourdieu, *Science de la science et réflexivité*, op. cit.; Bouveresse, *Prodiges et vertiges de l'analogie*. Sobre a sociologia das ciências, ver Shinn; Ragouet, *Controverses sur la science*; e Gingras, *Sociologie des sciences*.